



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Carla Coelho Rodriguez

A GRANDE TRANSFORMAÇÃO: os impactos da cibercultura e do mundo virtual na concepção tradicional de memória, livros e leitores.

Rio de Janeiro

2013

Carla Coelho Rodriguez

A GRANDE TRANSFORMAÇÃO: os impactos da cibercultura e do mundo virtual
na concepção tradicional de memória, livros e leitores.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação (CBG/FACC), da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

2013

R696g Rodriguez, Carla Coelho

A grande transformação: os impactos da cibercultura e do mundo virtual na concepção tradicional de memória, livros e leitores / Carla Coelho Rodriguez. – Rio de Janeiro, 2013.

23 f.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

1.Sociedade da Informação. 2. Memória Social. 3. Cibercultura. 4. Leitura Digital. I. Oliveira, Antonio José Barbosa. II. Título.

CDD: 303.483

Carla Coelho Rodriguez

A GRANDE TRANSFORMAÇÃO: os impactos da cibercultura e do mundo virtual na concepção tradicional de memória, livros e leitores.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Prof. Antonio José Barbosa de Oliveira

Doutor em Memória Social

Orientador

Prof. André de Araújo

Mestre em História Social

Prof^ª. Maria Cristina Paiva

Mestranda em Educação e Linguagem

AGRADECIMENTOS

Nessa longa e turbulenta jornada, não poderia deixar de agradecer a meus pais: minha mãe, Ângela, por tudo que abdicou, colocando minhas vontades sempre a cima de todos os seus desejos, por todo apoio e pelos cuidados dedicados a mim durante as várias noites que passei em claro desesperada com o desenvolvimento deste e de tantos outros trabalhos. E meu pai, Antonio, por todo o suporte e motivação. Deixo aqui minha declaração de amor e gratidão a vocês. Toda e qualquer conquista ao logo desses anos, o mérito pertence a vocês.

Um agradecimento especial à Jacilene Brejo, do Arquivo do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, à toda equipe do Sistema Estadual de Bibliotecas/SEC-RJ e à toda equipe da Divisão de Acesso à Informação do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. A dedicação e o amor de vocês pela profissão são inspiradores. Obrigada pela oportunidade de trabalhar com cada um de vocês, pelos ensinamentos e pelo carinho.

Agradeço também a toda equipe da Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, em especial as equipes dos setores de Obras Raras e Circulação, com quem tive a honra de trabalhar durante um curto período de tempo, mas um período grandioso e divertidíssimo. Além disso, agradeço imensamente o suporte bibliográfico tanto da Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas quanto a Biblioteca Eugenio Gudim, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/UFRJ.

Agradeço a meus amigos e minha família, mas não cito nomes, não quero cometer a gafe de esquecer algum e acabar magoando alguém. Basta dizer que sou extremamente grata pelo suporte, que vai desde o suporte emocional a mais simples correção ortográfica. Todos vocês tem um lugar especial no meu coração. Esse trabalho possui um pedacinho de cada um de vocês.

Naturalmente, gostaria de agradecer a toda equipe do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ. Não existem palavras para expressar minha gratidão por todos os ensinamentos desses 4 anos. Em especial, meu orientador, Prof. Antonio José Barbosa de Oliveira. Sem ele eu provavelmente ainda estaria perdida em meio a tantos temas, caminhos e conceitos. Ele foi a luz no meu caminho. Eu tentei seguir, espero ter conseguindo nem que seja só um pouquinho.

Por fim, agradeço a Deus.

RODRIGUEZ, Carla Coelho. **A grande transformação**: os impactos da cibercultura e do mundo virtual na concepção tradicional de memória, livros e leitores. 2013. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os diversos aspectos da *virtualização* da nossa sociedade, cada dia mais ligada às tecnologias de informação. Essa *virtualização* alterou a dinâmica das bibliotecas nos mais diversos níveis e modos, tornando fundamental seu estudo para assim buscar entender as novas demandas de seus usuários, como utilizar as novas fontes de informação e como lidar com a constante atualização dos novos suportes. Através de um levantamento bibliográfico e conceitual, buscou-se analisar as transformações da sociedade geradas pela era digital e pela *cibercultura*. Nos aspectos voltados para a leitura na era tecnológica, procurou-se entender como a leitura digital afeta, e se afeta, o modo como passamos a interagir com o livro e também quais as reais mudanças, e continuidades, dessa transformação do livro impresso para o livro digital. No âmbito de memória, buscou-se descobrir como estão sendo tratadas as preocupações relacionadas a preservação da memória social em meio digital.

Palavras-chave: Sociedade da Informação. Cibercultura. Memória Social. Leitura Digital.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the various aspects of the virtualization of our society increasingly bonded to information technologies. This virtualization has changed the dynamic of libraries in many different levels and ways, making its study essential to understand the new users' demands as well as how to utilize the new information sources and how to deal with the new media constant updates. Through a conceptual bibliographic survey we seek to analyze social changes engendered by the Digital Age and cyberculture. As for reading in the technological era, we sought to understand how reading onscreen affects – or if it does – the way we interact with the book and also what are the real changes and continuities of printed books transformation into e-books. Regarding the memory, we sought to discover how concerns related to social memory preservation in digital media are being dealt.

Keywords: Information Society. Cyberculture. Social Memory. Digital Reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JUSTIFICATIVA	9
3 OBJETIVOS	10
3.1 OBJETIVO GERAL	10
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4 METODOLOGIA	11
5 AS TRANSFORMAÇÕES	12
5.1 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ERA DIGITAL	12
5.2 A MEMÓRIA SOCIAL	14
5.3 A CIBERCULTURA E AS REDES DE MEMÓRIA	15
5.4 CONTINUIDADES E RUPTURAS	16
5.5 LEITORES E LEITURA	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das chamadas “novas tecnologias” da informação e comunicação, e principalmente da Internet, a informação ganhou um novo *status*, estando cada vez mais relacionada ao poder. Somos bombardeados por uma infinidade de sinais, signos e símbolos vindos de todas as direções.

A era digital propiciou uma facilidade na produção e no compartilhamento da informação que fez com que a mesma venha crescendo de forma desordenada e incontrolável. Uma notícia publicada na Internet nesse exato momento se encontra a apenas alguns cliques de distância de uma pessoa que esteja do outro lado do mundo, sendo acessível de forma praticamente instantânea. A informação eletrônica subverte a clássica relação entre espaço e tempo.

Se por um lado a informação é facilmente divulgada, os constantes avanços tecnológicos nos trazem um sério problema na organização e preservação dessa informação e na produção e sedimentação de memórias dela decorrente.

Nessa questão, temos dois problemas essenciais: a) como organizar a informação fruto dessa produção desenfreada e b) como essas informações, diante dos constantes avanços tecnológicos que geram a rápida obsolescência dos suportes e formatos digitais, se relaciona com a memória social? Focaremos este trabalho nesse segundo problema.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia, sendo criatura, mas também tendo o poder de criar civilizações, nos faz questionar a que ponto vai sua capacidade de preservar as já existentes, sua memória e sua história. A história dos mecanismos de registros da informação nos mostra que há uma perspectiva de continuidade (e não de total ruptura) entre as tecnologias da informação.

Outra importante mudança causada pela informação eletrônica foram os novos modos de leitura. Livros e jornais digitais mudaram não só o suporte, mas o modo como passamos a ler e interpretar o que lemos. Essa é uma questão que se divide em dois pontos de vistas, geralmente extremos e apontados por Carr (2011): a) os entusiastas da tecnologia, que pregam o fim do livro impresso ante a um suposta superioridade do novo modo de leitura digital; e b) e os mais conservadores, que acreditam no livro impresso como algo insubstituível. Isso nos leva a questionar, se essas mudanças, no âmbito da leitura, são realmente tão extremas como se costuma anunciar.

Para uma melhor análise dessas questões, ao longo do trabalho serão apresentados alguns conceitos para orientar as reflexões dos temas apresentados. Primeiramente serão apresentados os conceitos de Sociedade da Informação e Era Digital a fim de contextualizar o momento em que essas mudanças, discutidas no trabalho, começam a ocorrer em nossa sociedade. Em seguida são apresentados os conceitos de Memória Social, Cibercultura e Redes de Memória, contextualizando e apoiando as discussões acerca das questões que envolvem os impactos da cibercultura na concepção de memória, leitores e leitura. Por fim, são apresentadas as principais questões de continuidades e rupturas, e também as principais questões acerca dos impactos nos leitores e nos modos de leitura.

Esse conceitos foram apresentados apoiados nas ideias de alguns importantes autores da área de cada conceito destacado no presente trabalho. Em Carr (2011) pôde-se refletir sobre as especificidades da internet e do meio eletrônico sobre nossas formas de apreensão de conteúdos informacionais. O autor, partindo de reflexões sobre memória, informação e suportes informacionais acorda seus mecanismos de diferenciação, bem como suas similaridades.

Chartier (2009), por sua vez, contribui para as reflexões empreendidas numa perspectiva histórico-cultural, sobretudo no que se refere à leitura e aos suportes numa perspectiva histórica. Já Halbwachs (2006), nos permitiu refletir sobre a abordagem sociológica da memória, as questões da memória como um fenômeno social, construída e reproduzida coletivamente.

E em Lemos (2008) e Levý (1999), podemos observar as diferentes conceituações da cibercultura, os princípios de seu crescimento e sua relação com as redes de memórias.

2 JUSTIFICATIVA

A era digital alterou o dia-a-dia de todos. Algumas dessas mudanças são vistas de forma clara, outras, porém, nem tanto. É fácil citarmos a rapidez que a era digital trouxe à comunicação, alterando processos e formas de conversação, e a facilidade no compartilhamento de histórias. A era digital alterou o modo como vivemos, como organizamos, disseminamos e produzimos informação.

As transformações causadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação podem acarretar diversas mudanças nos serviços oferecidos pela biblioteca. Tornaram-se problemas diários do profissional da informação a constante atualização dessas tecnologias (gerando a rápida obsolescência do material digital), o grande volume de produção informacional e a rápida capacidade de compartilhamento das informações. Frente a discussões sobre o que e como preservar dentre o infinito fluxo informacional da web ou como organizá-lo, se torna fundamental que qualquer profissional da área faça um estudo e tenha um bom entendimento desses novos meios e métodos de produção e difusão de informação.

Além dessas mudanças mais funcionais, ainda existe a mudança no perfil do usuário. Na era da informação a forma como os usuários a procuram também mudou, assim como as formas de leitura. Para que o bibliotecário seja capaz de nutrir as necessidades desse novo perfil de usuário é preciso entender essencialmente essas mudanças.

3 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os critérios citados abaixo:

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar e discutir as consequências da *virtualização* da informação em nossa sociedade, aprofundando especificamente nas questões de memória, livro e leitura.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar as características e contextualização da sociedade da informação;
- Observar as relações entre as tecnologias do impresso e do eletrônico;
- E perceber as relações de rupturas e continuidades entre as tecnologias do impresso e do eletrônico, a partir da transmissão e transformação dos códigos por meio da memória social.

4 METODOLOGIA

Sendo uma pesquisa essencialmente descritiva, o primeiro passo da pesquisa refere-se ao levantamento bibliográfico de autores da área de memória, novas tecnologias e sociedade da informação. Após esse levantamento, pretende-se criar uma bibliografia conceitual que sirva de embasamento para a discussão e análise da temática do trabalho, leve à reflexão sobre os aspectos a serem abordados.

5 AS TRANSFORMAÇÕES

As transformações do livro impresso para o meio eletrônico ocorreram em diversos aspectos. Nas subcategorias a seguir trataremos da contextualização e análise dessas transformações, bem como observar as relações de leitura nos diferentes suportes.

5.1 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ERA DIGITAL

A capacidade de adaptação do ser humano é muito rápida, com isso muitas vezes sequer nos damos conta claramente das mudanças que passamos e como isso nos afeta. Atualmente, vivemos na chamada Sociedade da Informação, “[...] uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais” (LIVRO VERDE, 2000, p. 3).

A atual capacidade de transmissão dessas informações e a qualidade de seus serviços faz com que o usuário sequer perceba a complexidade por trás da troca dessas informações, o funcionamento das “*infovias*”, como chama o Livro Verde da Sociedade da Informação.

Ainda segundo o Livro Verde da Sociedade da Informação (2000), existem três fenômenos que estão relacionados a essas mudanças. O primeiro fenômeno que se relaciona a essa transformação em curso é a convergência de tecnologias. A integração dos avanços no meio de comunicação, o desenvolvimento da computação e do conteúdo gera o poder de representar e processar qualquer tipo de informações em meio digital. O segundo fenômeno vem da dinâmica da indústria, através do barateamento dos “apetrechos” tecnológicos gerando uma popularização do uso desses aparelhos. Os dois fenômenos então se ligam, como base dessa revolução, ao terceiro fenômeno: o crescimento da internet. Em 4 anos, a internet atingiu 50 milhões de usuários somente nos EUA. Curiosamente, o rádio e a televisão levaram, respectivamente, 38 e 13 anos para atingir o mesmo número. E, indo além dos EUA, levou apenas 8 anos para que ela se espalhasse por todo mundo criando uma conectividade internacional surpreendente, conectando países até então fora de redes.

Mesmo que em alguns países a internet seja de acesso restrito, se compararmos com a disseminação de outras tecnologias, como os já citados rádio e televisão, e outros serviços

(Binet, Fidonet etc), temos um avanço muito significativo. Um fenômeno singular a ser considerado como fator estratégico fundamental para o desenvolvimento das nações. Essa sociedade da informação que vivemos representa uma profunda mudança na organização da nossa sociedade e economia. É fenômeno global transformador das atividades sociais e econômicas.

No Brasil, o grande impulso inicial da internet ocorreu na comunidade científica, se expandindo para o setor privado, mas aberta a serviços de natureza comercial somente a partir de 1995. Sua influência foi grande no mercado brasileiro, perfazendo quase metade do mercado latino-americano em número de usuários e de volume de transações e negócios. Mas esse caminho rumo à sociedade da informação não é apenas de conquistas, é repleto de desafios que proporcionam riscos e oportunidades.

A sociedade da informação também é caracterizada pelo que Pierre Nora (1993) chamou de “aceleração histórica”, ou seja, uma compressão da relação espaço-temporal, que interfere também na percepção que se tem entre passado e presente, o que, por sua vez, tem relações diretas com a produção das memórias individuais e coletivas. Na sociedade da informação, diante da explosão dos conteúdos informacionais, somos acompanhados pela crescente necessidade de tudo lembrar, de tudo guardar. O medo da perda é sinônimo de medo de esquecer.

Referindo-se às características e consequências da revolução da tecnologia da informação na sociedade contemporânea, Castells (2012, p. 69), argumenta que

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. Uma ilustração pode esclarecer esta análise. Os usos das novas tecnologias de telecomunicações nas duas décadas passadas (décadas de 80 e 90, séc. XX) passaram por três estágios distintos: a automação das tarefas, as experiências de usos e a reconfiguração das aplicações. Nos dois primeiros estágios, o progresso da inovação tecnológica baseou-se em aprender usando, de acordo com a terminologia de Rosemberg. No terceiro estágio, os usuários aprenderam a tecnologia fazendo, o que acabou resultando na reconfiguração das redes e na descoberta de novas aplicações. [...] As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia, como no caso da Internet. Há, por conseguinte, uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no processo produtivo). Assim, computadores, sistemas de comunicação,

decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual [...].

A Era Digital, por sua vez, surge, segundo Chatfield (2012), a partir das mudanças que começaram a ocorrer nos anos 1970, com a chegada dos primeiros computadores aos lares comuns, o surgimento do microprocessador e da rede de computadores. O que não se esperava era a atração que essas máquinas causariam, e no final da década de 70 diversas empresas, como a Apple, desenvolviam novas máquinas e vendiam milhares de unidades.

Nessa mesma época o sociólogo americano Daniel Bell (1974 *apud* Briggs; Burke, 2006, p. 261) já falava sobre como “[...] o setor de serviços da economia estava se tornando mais importante que o de produção”, a informação estava sendo mais valorizada. A análise de Bell sobre essas mudanças sociais era “nova e desafiadora”, um novo modelo social que ele chamou de “Sociedade da Informação”.

Essa nova demanda por informação e a capacidade, cada vez maior, dessas novas tecnologias digitais gerou uma experiência revolucionária, onde cada dia o ser humano se encontra mais e mais integrado à tecnologia e ao meio digital, ligados e conectados o tempo todo.

5.2 A MEMÓRIA SOCIAL

O conceito de memória social foi fortemente influenciado pelas Escolas história e sociológica francesas e autores como Phellippe Ariès e Pierre Nora. Já na área das ciências sociais e humanas, a grande influência foi o sociólogo Maurice Halbwachs. Para ele a memória, como fenômeno social, é construída e reproduzida ao longo do tempo de forma coletiva (HALBWACHS, 2006).

Segundo Rodrigues ([201-?], p. 5) “[...] a memória social é dinâmica, mutável e seletiva; seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica «gravado na memória», fica registrado para as gerações futuras.”

Nesse contexto dinâmico da memória social, Halbwachs (2006) também apresenta a ideia de “quadros de memória”, já que ela envolve “[...] relações interpessoais e geracionais que vão

tecendo teias de lembranças, repletas de significados, e que definem o que deve ser lembrado e esquecido” (SILVA, 2008, p. 61).

Na perspectiva de Halbwachs e da escola sociológica, a memória é sempre um fenômeno coletivo/social. Embora sejam os indivíduos que se lembram, as formas e os sentidos das lembranças são socialmente determinados ou condicionados.

Oliveira (2012) ressalta que a memória social tem uma dimensão processual e seletiva. Nem tudo fica guardado e o esquecimento também acompanha a produção de memórias. Assim, muitas vezes, ao lermos um livro eletrônico, esquecemo-nos de que ele nos remete, em diversos aspectos, ao livro tradicional, a despeito de suas especificidades. A presença do antigo no novo é um efeito de memória. Também é ressaltado por Oliveira (2012, p. 25) que a memória é uma construção: “Ela não nos conduz a recuperar o passado, mas sim a reconstruir com base nas questões que dizem mais de nós mesmos e de nossa perspectiva presente”. Ou seja, há uma relação direta entre as formas de se lembrar com as condições do presente que norteiam as lembranças.

A memória social, ou coletiva, é um dos elementos fundamentais na construção da história da nossa sociedade. Quando a sociedade caminha para uma profunda imersão na digitalização, como vem sendo falado sobre nossa sociedade, precisamos questionar o que será da nossa história, o que estamos deixando de nós para as gerações futuras. Ao mesmo tempo em que temos facilidade em publicar o que quisermos na Web ou mesmo manter apenas o digital em nossos computadores pessoais, é também muito fácil que esse material seja perdido, seja pelo caos informacional que se cria em meio a publicação desenfreada dificultando, e às vezes impossibilitando, a recuperação de algumas informações, ou pelos “mecanismos de esquecimento” onde registra-se hoje, apaga-se em seguida. O medo da perda traz o que Huyssen (2004) chama de “sedução” pela memória.

5.3 A CIBERCULTURA E AS REDES DE MEMÓRIAS

A cibercultura em geral é entendida como os impactos socioculturais causados pela microinformática, mas Lemos (2008) afirma que ela vai muito além. Segundo Lemos (2008) a cibercultura é uma nova relação entre a técnica e a vida social que se criou através da cultura

contemporânea associada às tecnologias digitais, ela surge da forte relação entre sociedade e a cultura contemporânea.

Com isso, três princípios se destacam no crescimento da cibercultura: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão se refere a importância de todo computador ou dispositivo estar conectado a Internet. Segundo Lévy (1999, p. 127), “Para a cibercultura, a conexão é sempre preferível ao isolamento. [...] A interconexão tece um universal por contato”.

A comunidade virtual é uma continuidade da interconexão, mas tem sua construção baseada em interesses comuns, afinidades e processos de cooperação ou troca. O diferencial está no fato de que na comunidade virtual independe de questões geográficas, ainda que no geral funcione apenas como um complemento dos encontros físicos, ou viagens. E por fim, a inteligência coletiva é a reunião de um grupo voltado pra busca de aprendizado, de um ideal mais imaginativo e mais rápido.

Com a análise desses três princípios podemos notar como a cibercultura criou uma rede de memórias. Essas memórias se adéquam ao que Sá (2005, p. 81) designa de memórias públicas:

Memórias pública é [...] a memória da esfera pública, entendida esta como o campo da vida nas modernas sociedades democráticas, onde as crenças dos cidadãos acerca dos assuntos políticos são discutidas. Essa discussão não se faz, prossegue o argumento, sem uma referência constate ao passado e aos discursos e representações sobre o passado, constituindo assim a arena onde memórias coletivas múltiplas se confrontam.

A inteligência, na cibercultura, surge a partir da junção de várias ideias, de diferentes indivíduos, mas trabalha de forma conjunta, que são lançadas, discutidas e relacionadas até que se segue a um produto final.

5.4 CONTINUIDADES E RUPTURAS

Muito se fala sobre a grande revolução eletrônica, assim como muitos anos atrás se falou sobre a grande revolução de Gutenberg. Mas quando observamos um livro manuscrito e um livro pós-Gutenberg, eles possuem fundamentalmente a mesma estrutura: a do códex. O livro

digital, assim como a tempos atrás fez o livro impresso, apoia-se em conceitos já existentes para se firmar. Segundo Chartier (2009, p. 77)

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões. [...] Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

Por isso o livro impresso e o digital também possuem muito em comum, como diz Chartier (2009, p.7), “[...] a transformação não é tão absoluta como se diz.” Se compararmos um leitor digital, um livro impresso e um códex, veremos que eles possuem princípios similares que evocam as memórias do livro e do leitor. A distribuição do texto, paginação, índices e sumários, também são similares. Até mesmo ao utilizarmos uma página de Internet, a ideia do texto contínuo e da barra de rolagem nos remete ao modo de leitura do rolo antigo. Essas questões refletem nas práticas de leitura. Segundo Paulino (2009, p. 8),

As práticas da leitura sofreram influência da inclusão das novas tecnologias e seus suportes na sociedade. Em virtude disso, alguns pessimistas insistem em prever o fim do livro impresso. Apesar do pessimismo e da ameaça que as novas tecnologias possivelmente representam para este suporte visualizamos uma nova forma de apresentação do livro e interação deste com o leitor.

Algo que podemos interpretar como uma prova dessa continuidade é analisarmos a evolução dos leitores digitais da marca Kindle. O principal chamariz da marca é exatamente a experiência de leitura “como se fosse papel” (AMAZON, 2013) e a cada nova versão do leitor ele se torna mais parecido com o livro impresso, apenas somado a algumas características tecnológicas.

Por outro lado, o livro digital torna a leitura interativa, algo muito difícil de ver criado no livro impresso e através de hipertextos o leitor é capaz de ir além da leitura estática do impresso.

O que podemos realmente observar é que enquanto, em grande parte do tempo, as discussões se dividem entre o conservadorismo do livro impresso e a utopia do livro digital, a realidade parece estar muito mais inclinada a mutualidade. Seja o meio impresso ou o meio digital, ambos possuem vantagens e desvantagens e cabe ao bibliotecário, em um futuro cada vez mais próximo, entender o que suprime as necessidades dos seus usuários e tomar as decisões para sua biblioteca.

De modo geral, o mundo parece caminhar em direção ao digital, mas na atualidade ainda há muito a ser desenvolvido para que o livro digital atenda às necessidades do leitor do livro impresso. Ainda que um dia o digital se sobreponha ao impresso, no presente é preciso saber trabalhar com ambos e aprender a usufruir o melhor de cada.

Se por um lado o livro impresso é mais acessível aqueles sem conhecimento e habilidade tecnológicas, mais intuitivo e mais durável que o virtual, perde para o digital em outros aspectos. O digital, da sua forma, permite uma maior mobilidade e facilita a difusão de seu conteúdo, mas possui uma maior mutabilidade, levando a questão da instabilidade da informação contida, ainda que isso seja apenas uma questão de evolução da tecnologia do livro digital.

O impresso permite que você leia por quanto tempo quiser, sem se preocupar com duração de bateria, se você irá deixá-lo cair ou molhar, e perder, além do suporte, toda a sua biblioteca e não exige qualquer habilidade com tecnologia pra utilizá-lo. Por outro lado, os leitores digitais permitem que você carregue toda sua biblioteca para onde quiser, sem representar mais do que 300g dentro de sua bolsa, além de poder adquirir novos volumes de qualquer lugar do mundo (desde que haja alguma forma de conexão à Internet) e recebê-los em seu dispositivo apenas alguns segundos após a compra. Você pode clicar em uma palavra do texto e facilmente encontrar seu significado, não precisando mais parar a leitura e, carregar e folhear pesados dicionários.

5.5 LEITORES E LEITURA

As mudanças do livro impresso para o livro digital vão além das mudanças físicas e do tratamento da informação, mas também abrangem questões cognitivas e comportamentais. A forma como o leitor lê e como ele apreende o que lê foram fortemente afetadas pela leitura "em pixels", como observado por Carr (2011, p. 19): "[...] os meios não são meramente canais de comunicação. Fornecem material para o pensamento, mas também moldam o processo do pensamento."

Enquanto a leitura do livro impresso permitia o que alguns autores chamam de uma leitura linear, com maior imersão, focada e tranquila, na leitura através de suportes digitais, o cérebro, acostumado ao funcionamento superficial e multitarefa, tradicional do meio digital,

começa a fraquejar na sua capacidade de focar e absorver o que foi lido. O cérebro começa a demonstrar uma necessidade de informações rápidas e objetivas. Textos longos passam a ser leituras difíceis ou feitas de modo superficial, fazendo com que a capacidade de compreensão e a memória do que foi lido sejam reduzidos consideravelmente. É o que Carr (2011) ressalta inúmeras vezes em seu livro, a leitura do texto impresso ou digital é uma relação de perdas e ganhos.

Outro ponto do texto eletrônico é a grande quantidade de hipertextos. Se por um lado eles podem ser vistos como um dos fatores que causam a dificuldade na leitura, uma vez que quebram a linearidade existente nos textos impressos, por outro lado eles também servem como um auxílio ao leitor para a melhor compreensão do texto. Ainda que para leitores menos focados os hipertextos sejam a distração perfeita, na qual um clique dentro da escrita leva o leitor a outro conteúdo e assim por diante, fazendo com que o ponto de leitura inicial já tenha se perdido em meio a tantos cliques, os hipertextos são capazes de proporcionar uma experiência de leitura expandida. Segundo Beiguelman (2003) “O hipertexto coloca-nos diante de uma nova “máquina de ler”, que faz de cada leitor um editor potencial e redireciona alguns paradigmas que balizaram, com sucesso, os métodos e as formas de produção dos discursos críticos”.

O hipertexto permite que o leitor amplie sua experiência conforme seu interesse ou necessidade, como por exemplo, ao utilizar hipertextos para consultar significados de palavras. Permite também a integração de vídeos, sons, imagens e outros complementos eletrônicos, que o diferenciam do livro impresso e que podem ser de grande valia, conforme seu conteúdo e a necessidade do leitor.

A expansão da relação entre leitor e texto no material eletrônico ainda vai além da questão de hipertextos. A leitura, no suporte eletrônico, está se tornando cada vez mais uma leitura coletiva. Através de marcações, compartilhamentos, e até discussões surgidas diretamente dos leitores digitais, como os clubes de leitura citados por Villaça (2002) que existiam desde o séc. XVIII e que começam a ser substituído pelas discussões on-line, feitas diretamente de dentro do livro e até mesmo direto de um trecho específico texto. É como se esses clubes de leitura se tornassem universais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho podemos perceber que desde o surgimento das tecnologias de comunicação o ser humano vem interagindo e se tornando cada vez mais ligado a ela. Vivemos em uma época de convergência, onde todos os avanços tecnológicos culminam na busca por constantes melhorias na área de informação. Ela não exclui as tecnologias anteriores, mas as adapta a novas necessidades da sociedade, como podemos observar no caso dos livros impressos *versus* os livros digitais.

Ainda sobre a questão de livros, podemos notar que, enquanto tanto se discute sobre o fim do livro impresso, a verdade é que os digitais permanecem intimamente ligados ao livro “de papel”, seja por seu modelo estrutural ou pelo modo de leitura.

Também podemos observar na pesquisa que ao mesmo tempo em que o poder de criação dessas tecnologias vai além do que podemos imaginar, sua capacidade de preservar o que é produzido não é satisfatório, o que coloca em xeque a capacidade de produção constante de memórias que perduram no decorrer de tempos mais prolongados. Na sociedade da informação a produção infindável de registros informacionais é acompanhada de perto pelos mecanismos de esquecimento. Registra-se hoje; apaga-se em seguida.

Mas não é a primeira vez que o livro passa por grandes transformações, até mesmo os problemas dos livros digitais são muito parecidos com os problemas causados pela imprensa de Gutenberg. Se na época do surgimento da Imprensa de Gutenberg tantos foram contra, viram esse advento como uma catástrofe, nos últimos anos vimos o mesmo acontecer com o livro eletrônico e ainda sim, como ocorreu com o livro impresso, ganhar seu espaço. Também não é a primeira vez que a humanidade passa por períodos de produção desenfreada de informação, e em todas às vezes foram desenvolvidos novos métodos de gerenciamento da informação que auxiliaram no problema. Não seria o Big Data, talvez, a solução da produção desenfreada de informação virtual?

Vivemos a transição de um importante paradigma que avança lentamente em direções que não podem ser previstas de modo determinante, mas só estaremos preparados se discutirmos muito a seu respeito. O importante é entender que o livro não acabou, e provavelmente não acabará nunca, por maiores que sejam as modificações que sofra ao logo do tempo. Mas entender essas mudanças, do livro e do leitor, é fundamental para saber como lidar com essas novas formas de trabalho.

No que se refere às mudanças e permanências inerentes aos hábitos e comportamentos decorrentes do advento das novas tecnologias, esse trabalho procurou percebê-las no contexto da memória social: ou seja, entender tais fenômenos em uma dimensão processual e de constante atualização, afastando perspectivas de rupturas radicais que consideram o “novo” como superação absoluta do “antigo”. Sem negar as transformações e os novos hábitos, pôde-se perceber que a cultura do eletrônico não superou a cultura escrita. Pelo contrário, trouxe-lhe novos elementos e novas práticas.

REFERÊNCIAS

- AMAZON. **Conheça o Kindle**. Disponível em: <<http://www.amazon.com.br/gp/feature.html?docId=1000841461>>. Acesso em: 19 jul. 2013.
- BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2012 (12ª reimpressão).
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: IMESP/ UNESP, 2009.
- CHATFIELD, Tom. **Como viver na era digital**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2004.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo: PUC, n.10, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. Multiplicidades de sentidos para a construção de um conceito de memória social. In: PINTO, Diana S.; FARIAS, Francisco R. (Orgs.) **Novos apontamentos em memória social**. Rio de Janeiro: 7 Letras / Unirio, 2012. p. 23-36.
- PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional & livro eletrônico: a (r)evolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus Revista Digital**, Pernambuco, n.3, jun. 2009. Disponível em: < <http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf> > Acesso em: 20 jul. 2013.
- RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica. **Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior**, Lisboa, n.1, [200-?]. Disponível em: < <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html> > Acesso em: 11 jul. 2013.

SÁ, Celso Pereira. As memórias da memória social. In: _____. **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 63-86.

SILVA, Veruska Anacirema S. da. Memória e afetividade: a importância das emoções nas trajetórias sociais. **Revista OPSIS**, Goiás, v.8, n.11, 2008. Disponível em: <
<http://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9354/0> > Acesso em: 06 jul. 2013.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195 p. Disponível em: <
<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2013.